

A ARANHA

*Marina de Oliveira Santos*¹*Michael Korfmann*²

RESUMO: Esta contribuição propõe uma tradução comentada do conto *A aranha* de Hanns Heinz Ewers. O texto, um dos contos mais conhecidos do autor, foi escrito em 1908 e publicado inicialmente em diversos jornais como o *Berliner Morgen-Zeitung* ou *Berliner Tageblatt*. A história gira em torno de uma sedutora demoníaca que leva homens a se enforcar. H. P. Lovecraft retoma em seu último conto *The Haunter of the Dark* alguns elementos do conto de Ewers e define, em seu ensaio *Supernatural Horror in Literature*, o autor alemão como representante destacado da literatura fantástica. Em termos tradutórios, a alternância de estilos entre os narradores foi um desafio. Na parte narrada em primeira pessoa se objetivou manter a fluidez que é esperada em um texto encontrado em um diário, enquanto na parte inicial, narrada em terceira pessoa, um estilo mais direto e impessoal foi utilizado.

PALAVRAS-CHAVE: Ewers; literatura fantástica; tradução.

ABSTRACT: This paper proposes a commented translation of the tale *The Spider* by Hanns Heinz Ewers. The text, one of the author's best-known tales, was written in 1908 and first published in several newspapers such as the *Berliner Morgen-Zeitung* or the *Berliner Tageblatt*. The story is about a demonic seductress who leads men to hang himself. H. P. Lovecraft takes up in his last tale *The Haunter of the Dark* some elements of Ewers story and defines, in his essay *Supernatural Horror in Literature*, the German author as one of the outstanding representatives of fantastic literature. In translational terms, the alternation of styles between the narrators was a challenge. In the part narrated in the first person it was aimed to maintain the fluidity that is expected in a text found in a diary, while in the initial part, narrated in the third person, a more direct and impersonal style was used.

KEYWORDS: Ewers; fantastic literature; translation.

Introdução

Ewers (1871-1943) estudou Direito, mas logo passou a dedicar-se exclusivamente à atividade de escritor. Admirador de Oscar Wilde e Edgar Allan Poe, escreveu poesia, drama, versos para os cabarés, libretos, contos, romances, tratados científicos populares (por exemplo, sobre formigas), bem como relatos de experiências próprias com drogas e ainda impressões de diversas viagens pelo mundo, entre as quais, uma excursão realizada ao Brasil, Argentina e Paraguai, por volta de 1908. Tornou-se conhecido do grande público tanto por seus textos de

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Estudos de Literatura, linha de pesquisa: teoria, crítica e comparatismo.

² Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em Literatura Alemã e Literatura Comparada.

horror e elementos fantásticos, com doses elevadas de perversidade, como por sua autoencenação de dândi e boêmio *par excellence*. Seu romance *Alraune* (1911) recebeu, em apenas dois anos, 25 edições, foi traduzido para 28 línguas e filmado quatro vezes. Após um certo declínio profissional e pessoal nos anos 20, aproximou-se de círculos da extrema direita. Encontrou-se com o futuro ministro de propaganda do Terceiro Reich, Joseph Goebbels, e, supostamente, filiou-se ao partido nacional-socialista em 1931, num encontro pessoal com Hitler, que lhe encomendaria um livro sobre a luta entre a SA e os comunistas: o romance *Horst Wessel*, publicado em 1932. No ano seguinte, a matéria já virava filme, sob a direção do próprio Ewers, porém Goebbels logo proibiria sua distribuição, alegando “falhas artísticas”. Em seguida, também o regime viria a proibir quase toda a venda da produção de Ewers, considerada decadente e doentia. O autor morreu em 1943, em Berlim.

A *aranha*, um dos contos mais conhecidos do autor, foi escrito em 1908 e publicado inicialmente em diversos jornais como o *Berliner Morgen-Zeitung* ou *Berliner Tageblatt*. A história gira em torno de uma sedutora demoníaca que leva homens a se enforcarem e apresenta certa similaridade com o conto *L'oeil invisible* (1860) dos escritores Erckmann-Chatrion. O conto de Ewers foi depois publicado em diversas antologias, como, por exemplo, na coletânea *Creeps by night* (1931) de Dashiell e H. P. Lovecraft retoma em seu último conto *The Haunter of the Dark* (1936) alguns elementos do conto de Ewers e define, em seu ensaio *Supernatural Horror in Literature* (1927), o autor alemão como representante destacado da literatura fantástica.

No início do texto, quando o mistério dos suicídios é apresentado para o leitor, a narração é feita em terceira pessoa, de um modo bastante objetivo e impessoal semelhante a um relato policial ou jornalístico. Durante a tradução se buscou observar a manutenção do estilo, assim como em um segundo momento do conto, quando a narrativa passa a ser em primeira pessoa e o estilo se torna mais fluído e impessoal. Já no final do conto, o narrador inicia uma espécie de fluxo de consciência e foi importante, portanto, manter na tradução uma estrutura que conservasse o ritmo veloz que é então apresentado. Deste modo o maior desafio foi, portanto, conservar a sensação de velocidade que a parte final do texto transmite e ainda assim conservar a organicidade na sucessão de acontecimentos do conto, para que ele possa atingir um efeito verossímil para o leitor.

A aranha

Quando Richard Bracquemont, estudante de medicina, decidiu ocupar o quarto 7 do pequeno Hotel Stevens, na Rue Alfred Stevens, nº 6, três pessoas, em três sextas-feiras consecutivas, haviam se enforcado no batente da janela do lugar.

A primeira foi um caixeiro-viajante suíço. Seu cadáver só foi encontrado no sábado à noite; o médico constatou que a morte devia ter ocorrido entre as 5h e as 6h da tarde de sexta-feira. O cadáver pendia de um gancho que era utilizado para pendurar as roupas fortemente preso no batente da janela. A janela estava fechada, o morto havia utilizado o fio da cortina como corda. Como a janela era muito baixa, as pernas repousavam quase até os joelhos no chão; o suicida necessitou de muita energia para a execução do seu propósito. Foi ainda apurado que ele era casado e pai de quatro crianças, que se encontrava em uma situação segura e confortável e que possuía quase sempre um caráter alegre. Não se encontrou nenhuma carta ou bilhete com alguma menção ao suicídio, tampouco um testamento; ele também jamais havia feito qualquer declaração aos seus conhecidos que condissesse com tal ato.

O segundo caso não foi muito diferente. O artista circense Karl Krause, contratado como acrobata no Cirque Médrano, próximo ao hotel, ocupou o quarto de número 7 dois dias depois. Quando ele não compareceu à apresentação da sexta-feira, o diretor enviou ao hotel um empregado que ao entrar no quarto destrancado encontrou o artista pendurado na janela, exatamente nas mesmas circunstâncias. Este suicídio não parecia menos misterioso: o artista era popular, recebia um alto cachê e era um jovem de vinte e cinco anos, aproveitando a vida ao máximo. Novamente, nada escrito, nenhum comentário que chamasse a atenção. Seu único familiar ainda vivo era sua mãe idosa, a quem todo o dia primeiro, pontualmente, o artista enviava 200 marcos para o seu sustento.

Para a senhora Dubonnet, proprietária do hotel pequeno e barato, cuja clientela era quase exclusivamente composta por membros do Montmartrevarietés, esta segunda estranha morte no mesmo quarto teve consequências muito desagradáveis. Alguns de seus hóspedes já haviam se mudado, clientes regulares não retornavam mais. Ela recorreu ao seu amigo pessoal, o comissário do 9º Distrito, que prometeu fazer por ela tudo que estivesse ao seu alcance. Desse modo ele não somente dedicou-se com especial afincamento à investigação dos motivos dos suicídios

de ambos os hóspedes, mas também lhe forneceu um agente que se mudou para o quarto misterioso.

Foi o policial Charles-Maria Chaumié quem se ofereceu para a tarefa. Experiente "Marsouin", com 11 anos de serviço na infantaria naval, este sargento que mantivera o seu posto por muitas noites, solitário, em Tonkin e Annam e que recebera com uma arma na mão muitas visitas inesperadas de piratas sorrateiros, parecia, portanto, o mais indicado para lidar com os "fantasmas" dos quais se falava na Rue Alfred Stevens. Instalou-se no quarto no domingo à noite então e foi dormir satisfeito, após ter aproveitado uma farta quantidade de alimentos e bebidas da digna Sra. Dubonnet.

Todas as manhãs e noites, Chaumié visitava brevemente a delegacia para fazer seu relatório. Nos primeiros dias, estes se limitavam a informar que nada de especial havia acontecido. Já o relatório da quarta-feira informava que ele acreditava ter encontrado uma pista. Instado a dizer mais, ele pediu para, por hora, permanecer em silêncio; ele não fazia ideia se o que ele pensava ter descoberto realmente estava relacionado com a morte das duas pessoas. E receava que, se estivesse equivocado, seria ridicularizado. Na quinta-feira, Chaumié parecia um tanto inseguro, ainda mais sério, mas novamente não tinha nada para relatar. Na sexta-feira pela manhã, estava bastante nervoso e disse, meio de brincadeira, meio a sério, que a janela certamente causava uma atração estranha. Ele sustentou, no entanto, que isso não tinha qualquer relação com os suicídios e que seria motivo de risos se dissesse mais. Naquela mesma noite ele não compareceu à delegacia: foi encontrado enforcado no gancho da janela.

Também nesse caso todos os pormenores eram os mesmos dos outros casos: as pernas arrastavam pelo chão, a corda da cortina fora utilizada no enforcamento. A janela estava fechada e a porta não havia sido trancada; a morte havia ocorrido por volta da sexta hora da tarde. A boca do defunto estava bem aberta, com a língua pendurada para fora.

Com esta terceira morte, todos os hóspedes abandonaram o Hotel Stevens no mesmo dia, com a exceção de um professor alemão, que ocupava o número 16 e aproveitou a oportunidade para reduzir o aluguel por um terço. Restava pouco consolo para a Sra. Dubonnet quando, no outro dia, a estrela da Opéra-Comique Mary Garden, chegou com o seu Renault e comprou o cordão da cortina vermelho por duzentos francos, por um lado porque traria sorte e por outro porque sairia nos jornais.

Se esses eventos tivessem ocorrido no verão, em julho ou agosto, a Sra. Dubonnet teria talvez conseguido o triplo pela corda; os jornais com certeza teriam então enchido suas colunas com esse assunto. Porém, no meio da temporada, com eleições, Marrocos, Pérsia, quebra dos bancos de Nova York e nada menos que três casos políticos, mal se podia saber onde arranjar lugar para este assunto. O resultado foi que o caso da Rue Alfred Stevens foi menos discutido do que merecia e as reportagens seguiram sendo escassas e curtas, majoritariamente reproduções objetivas dos relatórios da polícia, sem qualquer exagero.

Essas matérias eram as únicas informações que o estudante de medicina Richard Bracquemont teve sobre o assunto. Ele não conhecia um pequeno fato que parecia tão insignificante que nem o comissário nem as testemunhas oculares tinham mencionado aos repórteres e que foi lembrado somente após a aventura do estudante: quando os policiais retiraram o cadáver do sargento Charles-Maria Chaumié do batente da janela, uma grande aranha negra arrastou-se da boca aberta do defunto. O criado retirou-a com um dedo e exclamou: “Diabos! De novo esse animal! “ - No percurso da investigação posterior, do caso de Bracquemont, ele afirmou que, quando o cadáver do vendedor ambulante suíço foi retirado, ele viu uma aranha muito semelhante no ombro do defunto. – Mas sobre isso Richard Bracquemont não tinha nenhum conhecimento.

Ele mudou-se para o quarto apenas duas semanas após o último suicídio, em um domingo. O que ele vivenciou foi anotado cuidadosamente em um diário.

O diário de Richard Bracquemoit, estudante de medicina:

Segunda-feira, 28 de fevereiro

Vim para cá ontem à noite. Desfiz minhas duas malas, acomodei-me e, então, fui para a cama e dormi muito bem. Eram apenas nove horas quando uma batida na porta me acordou. Era a senhoria, que me trouxe o café da manhã. Ela provavelmente está muito preocupada comigo, como se pode notar pelos ovos, o presunto e o excelente café que ela trouxe. Tomei banho, coloquei uma roupa e assisti ao criado arrumar o quarto enquanto fumava meu cachimbo.

Então agora estou aqui. Eu sei perfeitamente que é perigoso, mas sei também que estarei feito na vida se desvendar este enigma. E se Paris valia bem uma missa antigamente, hoje ela não custa tão pouco – então eu posso arriscar um pouco a minha vida. Aqui existe uma chance e eu quero aproveitá-la.

Por sinal, outros também foram inteligentes descobrindo isso. Mais de 27 pessoas tentaram ficar com o quarto, através da polícia ou da proprietária; havia três mulheres entre elas. Tive, portanto, bastante concorrência. Provavelmente todos são pobres diabos como eu.

Mas eu que acabei “recebendo a colocação“. Por quê? Provavelmente eu fui o único que pôde oferecer uma "ideia" à sábia polícia. Uma boa ideia! Claro que era um blefe.

Estes relatos também são destinados à polícia. E me diverte dizer aos senhores logo de início que lhes aponte uma boa. Se o comissário for razoável, ele irá dizer: „Uhm, é por isso mesmo que Bracquemont parece adequado! “ – Aliás, não importa o que ele dirá mais tarde: agora já estou aqui. E me parece um bom presságio que as minhas atividades tenham começado com um blefe para estes senhores.

Primeiro entrei em contato com a Sra. Dubonnet, que me encaminhou para o posto da polícia. Fiquei vadiando por lá uma semana inteira. Sempre diziam que a minha oferta "estava sendo levada em consideração" e que eu deveria retornar no dia seguinte. A maioria dos meus concorrentes já havia então desistido, tinham coisa melhor para fazer do que ficar horas a fio em uma sala de espera abafada. O comissário estava bastante irritado com a minha teimosia. Finalmente, ele disse categoricamente que a minha insistência não tinha nenhum sentido. Ele agradecia a mim, bem como aos outros, pela minha boa vontade, mas não precisava de "ajuda amadora". A não ser que eu tivesse algum plano de operação em mente...

Então eu disse a ele que eu tinha esse plano de operação. Claro que eu não tinha nada realmente e não poderia, portanto, ter lhe dito uma palavra. Mas disse a ele que só poderia lhe informar o meu plano, que era bom, mas bastante perigoso, se ele estivesse disposto a dar sua palavra de honra de que ele mesmo o executaria. Ele agradeceu a oferta e disse que não tinha tempo para tal coisa. Mas percebi que eu tinha avançado quando ele me perguntou se eu não poderia ao menos dar-lhe uma dica.

E fiz isso. Conteí-lhe algum absurdo floreado de que até um segundo atrás eu nem tinha noção. Não sei de onde essa estranha ideia veio de repente. Falei que, entre todas as horas de uma semana, havia uma que possuía uma influência enigmática. Essa seria a hora em que Cristo desapareceu do seu túmulo para descer aos infernos: a sexta hora no anoitecer do último dia da semana judaica. E lembrei-o que foi nessa hora, sexta-feira, entre 5 e 6 horas, que os três suicídios ocorreram. Não poderia dizer mais a ele no momento, mas fiz referência ao Apocalipse de S. João.

O comissário fez uma expressão como se tivesse entendido algo, agradeceu e pediu que eu voltasse à noite. Fui pontualmente ao escritório e na mesa à sua frente estava O Novo Testamento. Nesse meio tempo, fiz os mesmos estudos que ele; li o Apocalipse e não entendi nem uma sílaba. Talvez o comissário fosse mais inteligente do que eu, pelo menos ele disse com muita firmeza que, apesar das minhas insinuações vagas, acreditava que entendia minha linha de pensamento e que estava pronto para atender às minhas vontades e apoiar-me na medida do possível.

Devo reconhecer que ele realmente me ajudou muito. Fez um acordo com a senhoria, para que eu tivesse tudo disponível durante a minha estadia no hotel. Deu-me um excelente revólver, um apito policial e os guardas tinham ordens para passar frequentemente pela Rue Alfred Stevens e vir ao meu auxílio ao menor sinal. Mas o mais importante é que ele colocou um telefone no quarto, através do qual estou em contato direto com a delegacia. Uma vez que ela se localiza a apenas quatro minutos de distância, posso contar com ajuda rápida a qualquer momento. Com tudo isso, não consigo imaginar de que eu deveria ter medo.

Terça-feira, 1º de março

Nada aconteceu, nem ontem nem hoje. A Sra. Dubonnet trouxe um novo cordão para a cortina, retirado de um outro quarto – há várias habitações vazias de qualquer forma. Ela aproveita qualquer oportunidade para vir até mim, sempre trazendo alguma coisa. Mais uma vez todos os pormenores me foram relatados, mas não vim a saber de nada novo. Em relação aos motivos das mortes, ela tinha sua própria teoria. Quanto ao artista, ela acreditava se tratar de um caso de amor infeliz: quando ele estava no hotel no ano passado, uma jovem senhora veio visitá-lo várias vezes, e desta vez não apareceu. Não sabia, no entanto, por que o cavalheiro suíço havia tomado tal decisão – não se pode saber de tudo. Mas com certeza o sargento havia cometido suicídio só para irritá-la.

Tenho de admitir que as explicações da Sra. Dubonnet são um pouco pobres. Mas deixei ela continuar tagarelando, afinal ela pelo menos ajuda a diminuir o tédio.

Quinta-feira, 2 de março

Nada ainda. O comissário liga algumas vezes por dia, eu digo que estou bem e aparentemente essa informação não o satisfaz. Peguei meus livros de medicina e comecei a estudar, então meu encarceramento voluntário tem algum propósito.

Sexta-feira, 4 de março, 2h da tarde

Tive um excelente almoço. A senhora trouxe-me até meia garrafa de champanhe, foi praticamente como uma última refeição de um condenado à morte. Ela me considera $\frac{3}{4}$ morto. Antes de partir, ela pediu chorando que eu fosse com ela, provavelmente estava com medo de que eu me enforcasse "para irritá-la".

Dei uma olhada mais de perto no novo cordão da cortina. Então isso irá me enforçar em breve! Uhm, sinto-me pouco inclinado a fazer isso. Além disso, a corda é áspera, dura e está mal estendida na cortina. É preciso ter muita boa vontade para copiar o exemplo dos outros. Agora estou sentado à minha mesa, com o telefone à esquerda e o revólver à direita. Não tenho medo, mas estou curioso.

6 horas da tarde

Nada aconteceu. Quase acrescentei "infelizmente"! A hora fatídica veio e se foi, exatamente como todas as outras. Não posso, no entanto, negar que senti um certo ímpeto de ir até a janela, ah, com certeza! Mas por outro motivo! O comissário ligou pelo menos 10 vezes entre as 5h e as 6h, ele estava tão impaciente quanto eu. Mas a Sra. Dubonnet está satisfeita: alguém morou por uma semana no nº 7 sem se enforçar. Estupendo!

Segunda-feira, 7 de março

Estou convencido de que não descobrirei nada e tendo a acreditar que os suicídios de meus antecessores foram apenas uma estranha coincidência. Pedi ao comissário que providencie novamente investigações sobre os três casos e estou convencido de que as razões serão encontradas. Quanto a mim, ficarei aqui o maior tempo possível. Não irei conquistar Paris aqui, mas moro de graça e sou bem tratado. Além disso, estudo bastante e percebo que estou avançando. E, finalmente, tenho outro motivo que me mantém aqui.

Quarta-feira, 9 de março

Então avancei mais um passo. Clarimonde – Ah! Ainda não contei nada sobre Clarimonde. Pois bem, ela é a minha "terceira razão" para permanecer aqui e é também o motivo pelo qual me aproximei da janela naquela "hora fatídica", claro que sem qualquer objetivo de enforçar-me. Clarimonde. Por que eu a chamo assim? Eu não tenho ideia do nome dela, mas é como se eu precisasse chamá-la de Clarimonde. E aposto que descobriria que esse é seu nome real, se algum dia lhe perguntasse.

Eu reparei em Clarimonde já nos primeiros dias. Ela mora do outro lado dessa rua estreita e sua janela fica exatamente em frente à minha. Lá ela fica sentada, atrás das cortinas. A propósito, preciso declarar que ela me notou antes que eu a tivesse notado e que demonstrou claramente ter interesse por mim. Nenhuma surpresa, considerando que toda a rua já sabe que estou morando aqui e por qual razão. A Sra. Dubonnet encarregou-se disso.

Eu não tenho uma natureza romântica e meus relacionamentos com as mulheres sempre foram escassos. Quando alguém vem de Verdun para Paris para estudar medicina e mal tem dinheiro para comer algo decente a cada três dias, essa pessoa tem mais em que pensar do que no amor. Portanto, não tenho muita experiência e talvez tenha começado este assunto de uma maneira bastante estúpida. De qualquer forma, gosto dele e da forma como começou.

No começo não me ocorreu a ideia de estabelecer qualquer relação com a minha vizinha. Eu só havia pensado que, já que eu estava aqui para observar e, apesar de toda a minha boa vontade, não tinha nada para investigar, eu poderia então observá-la. Não se pode passar o dia todo debruçado sobre os livros. Assim, pude logo verificar que Clarimonde vive sozinha neste pequeno andar. Ele tem três janelas, mas ela só senta perto da janela em frente à minha. Ela se senta e fia em uma pequena roca antiquada. Eu já havia visto uma roca na casa da minha avó, mas ela nunca era utilizada, era apenas uma herança de alguma tia, eu nem sabia que ainda se usavam rocas nos dias atuais. Aliás, a roca de Clarimonde é muito pequena, fina, branca, aparentemente feita de marfim, deve produzir fios extremamente delicados. Ela fica sentada atrás das cortinas o dia inteiro e trabalha incessantemente, parando apenas quando escurece. Nesta rua estreita escurece muito cedo com esses dias de neblina, às cinco horas já temos o mais belo crepúsculo. Nunca vi luz no seu quarto.

Não sei dizer exatamente qual é a sua aparência. Ela possui cabelos pretos e cacheados e é bastante pálida. O nariz é estreito e pequeno, e as narinas se movimentam. Seus lábios também são pálidos e parece-me que seus dentes pequenos seriam alinhados como os de um predador. As pálpebras têm uma sombra profunda, mas quando ela as abre, seus grandes olhos escuros iluminam-se. Mas na realidade eu sinto tudo isso mais do que sei. É difícil ver com precisão através das cortinas.

Mais uma coisa: ela usa sempre um vestido fechado preto pontilhado em lilás. E está sempre com luvas pretas, talvez para não machucar as mãos no trabalho. Parece estranho como os esguios dedos pretos pegam e puxam os fios, rapidamente, em aparente desordem, quase como o movimento das patas de algum inseto.

E nossa relação! Bem, na verdade ela é bastante superficial e, no entanto, parece-me muito profunda. Começou assim que ela olhou para a minha janela - e eu para a dela. Ela me observou - e eu a ela. E então eu devo ter a agradado, pois um dia, quando a olhei de novo, ela sorriu e, é claro, eu também. Isso continuou por alguns dias, cada vez mais sorriamos um para o outro. Então comecei a quase todo momento tencionar cumprimentá-la e não sei ao certo o que me impedia.

Finalmente fiz isso, nesta tarde. E Clarimonde cumprimentou-me também. Apenas muito suavemente, é claro, mas vi como ela acenou, inclinando a cabeça.

Quinta-feira, 10 de março

Ontem passei muito tempo entre os livros. Mas não posso dizer que estudei muito: fiquei construindo castelos de vento e sonhando com Clarimonde. Dormi um sonho pouco sossegado até tarde.

Quando cheguei à janela, a vi. Eu cumprimentei e ela novamente acenou. Ela sorriu e olhou para mim por um longo tempo.

Eu queria trabalhar, mas não consigo ficar sossegado. Sentei-me à janela e observei-a. Então reparei em como ela pousou as mãos no colo. Puxei o cordão da cortina e quase no mesmo instante ela fez o mesmo. Nós dois sorrimos e nos entreolhamos.

Creio que ficamos assim sentados por quase uma hora. Então ela voltou a fiar.

Sábado, 12 de março

Assim os dias têm passado. Eu como, bebo e sento em frente à escrivaninha. Acendo então meu cachimbo e me inclino sobre um livro. Mas não leio nem uma sílaba. Eu tento repetidamente, mas já sei de antemão que não vai adiantar. Então vou até a janela. Eu cumprimento, Clarimonde agradece. Nós sorrimos e nos encaramos por horas.

Ontem à tarde, às 6h, fiquei um pouco inquieto. O crepúsculo desceu muito cedo e senti um certo medo. Sentei na minha escrivaninha e aguardei. Senti um ímpeto quase indomável de ir até a janela - não para me enforçar, é claro, mas para olhar Clarimonde. Levantei-me em um salto e posicionei-me atrás da cortina. Parecia que eu nunca a tinha visto tão claramente, apesar de já estar bastante escuro. Ela fiava, mas seus olhos olhavam em minha direção. Senti um estranho bem-estar e um pouco de medo.

O telefone tocou. Fiquei furioso com o comissário idiota, que me tirou dos meus sonhos com suas perguntas estúpidas.

Esta manhã ele visitou-me, junto com a Sra. Dubonnet. Ela está bastante satisfeita com as minhas atividades, é suficiente para ela que eu esteja vivo há duas semanas no quarto de número 7. O comissário, porém, também quer resultados. Fiz misteriosas alusões de que eu estaria seguindo pistas de algo realmente estranho. O imbecil acreditou em tudo. De qualquer modo, poderei ficar aqui por semanas - e é tudo o que desejo. Não por causa da cozinha e da adega da Sra. Dubonnet – Meu Deus, como isso perde o valor quando se está de estômago cheio! – mas sim por causa de sua janela, que ela odeia e teme e que tanto amo, essa janela que me mostra Clarimonde.

Quando acendo a lâmpada, não a vejo mais. Tentei descobrir se ela sai para a rua, mas nunca a vi dar um passo para fora de casa. Tenho uma grande poltrona confortável e um abajur verde cuja luz me envolve calorosamente. O comissário trouxe-me um grande pacote de tabaco - nunca fumei tanto e apesar disso não consigo trabalhar. Leio duas ou três páginas e quando termino percebo que não entendi uma palavra. Meus olhos seguem as letras, mas meu cérebro recusa cada palavra. Estranho! Como se tivesse uma placa: entrada proibida. Como se qualquer outro pensamento fosse proibido além de um único: Clarimonde.

Finalmente, empurro os livros para longe, me inclino de volta para a cadeira e sonho.

Domingo, 13 de março

Esta manhã vi um pequeno espetáculo. Fiquei andando pelo corredor enquanto um criado arrumava o meu quarto. Na janela que dá para o pátio havia uma teia com uma aranha-de-cruz enorme. A Sra. Dubonnet não deixa tirarem ela de lá: aranhas trazem boa sorte e ela já teve má sorte suficiente em sua casa. Então vi outra aranha, muito menor, escalando cautelosamente pela teia, uma aranha macho. Cautelosamente a aranha menor dirigiu-se ao oscilante fio no meio da teia, mas assim que a fêmea se mexeu, ela recuou rapidamente. Foi então para outra extremidade e tentou se aproximar novamente. A robusta fêmea no meio da sua teia parecia finalmente ceder à corte e não se movia mais. O macho encostou em um fio, suavemente a princípio e depois com mais força, de modo que toda a teia estremeceu, mas ainda assim sua adorada permaneceu imóvel. Então o macho aproximou-se com infinita cautela. A fêmea recebeu-o quieta e sossegadamente, com um terno abraço, completamente devota; os dois ficaram por vários minutos pendurados, imóveis, no meio da grande teia.

Então vi o macho desprender-se lentamente, pata por pata. Era como se ele quisesse se retirar em silêncio, deixando a companheira sozinha em sonhos de amor. De repente ele desprendeuse completamente e correu o mais rápido que pôde para fora da teia. Mas no mesmo momento, possuída por uma vivacidade selvagem, a fêmea começou a persegui-lo. O débil macho desceu pelo fio e a amante reproduziu seu artifício. Ambos caíram pelo peitoril da janela, o macho tentando escapar com todas as suas forças. Era tarde demais, ela já havia o capturado com suas fortes garras e o carregava de volta para o meio da rede. E exatamente neste mesmo lugar que antes houvera servido de leito amoroso, via-se agora uma outra cena. O amante contorcia-se em vão, esticando repetidamente as patas, tentando escapar do furioso abraço: a amante não o libertava. Em poucos minutos já o havia prendido e ele não podia mover nem mais um membro. Então ela cravou as garras afiadas em seu corpo e sugou em fortes tragadas o seu sangue jovem. Ainda pude ver como ela separava em pedaços deploráveis e irreconhecíveis, as pequenas patas, a pele e os fios, e jogava-os para fora da teia com desprezo.

Pois então esse é o amor desses animais. Bem, estou feliz por não ser uma jovem aranha macho.

Segunda-feira, 14 de março

Nem chego mais a olhar para os meus livros. Passo os meus dias diante da janela apenas. E quando já ficou escuro continuo sentado. Ela não está mais lá, mas fecho os meus olhos e a vejo.

Este diário acabou virando algo bem diferente do que eu havia imaginado. Conta sobre a Sra. Dubonnet e o comissário, sobre aranhas e sobre Clarimonde. Mas nada sobre as descobertas que eu gostaria de ter feito. – Que posso fazer?

Terça-feira, 15 de março

Encontramos um jogo estranho, Clarimonde e eu, e passamos o dia jogando. Cumprimento-a e imediatamente ela me cumprimenta. Então bato no vidro com a mão e, mal ela vê, começa a bater também. Aceno para ela e ela acena de volta, movo os lábios como se falasse com ela e ela faz o mesmo. Então passo a mão pela minha têmpora até o meu cabelo e lá está ela, já com a mão na testa. É realmente uma brincadeira infantil e nós dois rimos disso. Isto é, ela na verdade não ri, somente sorri, silenciosa e devotada, e acho que meu sorriso também é exatamente assim.

Aliás, tudo isso não é tão estúpido quanto parece. Não é apenas uma imitação, pois então acho que nós dois em pouco tempo ficaríamos fartos. Deve haver certa quantidade de transmissão de pensamento no processo, pois Clarimonde segue meus movimentos em uma pequena fração de

segundo, mal tem tempo de vê-los e já os executa, às vezes parece que exatamente ao mesmo tempo. Isso me estimula a fazer sempre algo completamente novo, imprevisto, e é espantoso como ela repete tudo no mesmo momento. Às vezes tento enganá-la. Faço rapidamente toda uma sorte de movimentos variados em sequência e então repito de novo e de novo. Finalmente, faço a mesma sequência pela quarta vez, mas mudo a ordem, troco um movimento, ou deixo de fazer algum. Como uma criança brincando de "Morto-Vivo". É muito estranho que Clarimonde não faça um movimento errado sequer, embora eu mude tão rápido que ela mal tenha tempo para reconhecer cada um.

É assim que passo o meu dia. Mas não tenho a menor sensação de que estou desperdiçando o meu tempo. Pelo contrário, sinto como se nunca tivesse feito algo mais importante.

Quarta-feira, 16 de março

Não é bizarro que nunca tenha me ocorrido a ideia de estabelecer a minha relação com Clarimonde de um modo mais sensato do que nessas brincadeiras intermináveis? Ontem à noite eu pensei sobre isso. Bastaria apenas que eu pegasse meu chapéu e o meu casaco e descesse os dois lances de escada. Cinco passos pela rua e depois mais dois lances de escadas. Na porta, uma pequena placa. Nela está escrito "Clarimonde". Clarimonde de quê? Eu não sei; mas Clarimonde está lá. Bato à porta e então...

Até então consigo imaginar tudo perfeitamente, consigo visualizar cada pequeno movimento que farei. Mas eu não posso imaginar o que faria a seguir. A porta se abre, isso eu posso ver. Mas permaneço prostrado na soleira e olho para a escuridão, que não me permite distinguir absolutamente nada. Ela não vem – nada vem; não há absolutamente nada. Apenas essa escuridão impenetrável.

Às vezes sinto como se a única Clarimonde que houvesse fosse a que vejo da janela e que joga comigo. Não consigo imaginar como seria essa mulher com um chapéu ou um outro vestido que não fosse o preto com os grandes pontilhados roxos, nem ao menos posso imaginá-la sem as suas luvas. Se eu a visse na rua, ou mesmo em um restaurante, comendo, bebendo, conversando - só posso rir de tão impossíveis que essas imagens me parecem.

Às vezes me pergunto se eu a amo. Não sei responder direito já que nunca estive apaixonado antes. Mas se o sentimento que tenho por Clarimonde é de fato amor, então é completamente diferente do que vi em meus camaradas ou conheci através dos romances.

Está se tornando muito difícil para mim entender os meus sentimentos. É difícil pensar em outra coisa, além de Clarimonde, ou melhor, do nosso jogo. Porque é inegável que afinal este jogo me mantém ocupado, e nada além dele. E isso é o que menos consigo entender.

Clarimonde? Sim, me sinto atraído por ela. Mas a esse sentimento se mistura também outro sentimento. É como se eu sentisse medo. Medo! Não, também não é isso. É mais como um receio, um leve medo de algo que desconheço. E é exatamente esse medo que tem algo de dominador, estranhamente voluptuoso, que me afasta e depois me atrai para junto dela. É como se eu percorresse um grande círculo à sua volta, me aproximando um pouco e, então retrocedendo, seguindo novamente em frente, avançando para outro ponto e retornando rapidamente. Até que finalmente, e disso eu tenho total certeza, terei que ir até ela.

Clarimonde está sentada perto da janela, tecendo. Fios longos, finos, infinitamente delicados. Com eles ela faz um tecido, não sei o que será feito com ele. E não consigo entender como ela consegue fazer essa trama sem emaranhar e rasgar os fios frágeis. Seu trabalho delicado tem padrões singulares, animais míticos e faces estranhas.

O que estou escrevendo? A verdade é que não consigo ver realmente o que ela tece, seus fios são demasiadamente finos. E, no entanto, sinto que o seu trabalho é exatamente como vejo quando fecho os olhos. Exatamente assim. Uma grande trama, com muitas criaturas, animais míticos e faces estranhas.

Quinta-feira, 17 de março

Estou sentindo uma agitação estranha. Eu não falo mais com ninguém, mal dou bom dia até mesmo para a Sra. Dubonnet e para o criado. Mal gasto tempo comendo, só quero sentar à janela e jogar com ela. É um jogo de fato emocionante.

E eu tenho a sensação de que amanhã irá acontecer algo.

Sexta-feira, 18 de março

Sim, sim, algo deve acontecer hoje, digo para mim mesmo. Falo em voz alta para ouvir a minha própria voz e digo que é por isso que estou aqui. Mas o pior é que tenho medo. E esse medo de que algo parecido possa acontecer, como o que aconteceu com os meus antecessores neste quarto, se mistura estranhamente com outro: o que tenho de Clarimonde. Eu mal posso distingui-los.

Estou com medo, tanto que quero gritar.

6 horas da tarde

Algumas palavras rápidas, de chapéu e casaco.

Às 5h eu estava no final das minhas forças. Ah, tenho certeza agora que deve haver alguma peculiaridade nesta sexta hora do penúltimo dia da semana. Agora já não vejo mais graça na história que inventei para o comissário. Sentei na minha poltrona e com força tentei me manter lá. Mas fui puxado, quase arrebatado para a janela. Tive que jogar com Clarimonde - e então novamente esse medo terrível da janela. Eu os vi pendurados ali, o caixeiro suíço, alto, com o pescoço grosso e a barba grisalha. E o artista esbelto e o atarracado e forte sargento. Vi os três, um depois do outro e então os três juntos, no mesmo gancho, com as bocas abertas e as línguas estiradas. E então vi a mim mesmo, entre eles.

Ah, esse medo! Eu senti perfeitamente que o sentia por causa da janela e do abominável gancho acima e igualmente por causa de Clarimonde. Que ela me perdoe, mas é assim: no meu medo ultrajante, misturei-a com as imagens dos três que estavam ali pendurados, com as pernas arrastando no chão.

De fato não senti em nenhum momento algum desejo ou anseio de me enforcar; eu não tinha nenhum temor de que eu fosse sentir vontade de fazer isso. Não, eu tinha apenas um medo da própria janela -e de Clarimonde- e de algo terrível, incerto, que tinha de acontecer agora. Eu tinha um desejo apaixonado e indomável de levantar-me e ir até a janela. E eu tive de fazer isso.

Então o telefone tocou. Tirei-o do gancho e, antes que pudesse ouvir uma palavra, gritei: “Venha aqui! Imediatamente! “

Foi como se imediatamente o meu grito estridente afugentasse todas as sombras para as fendas do chão. Fiquei calmo no mesmo instante. Limpei o suor da testa, bebi um copo de água e comecei a pensar no que dizer ao comissário quando ele viesse. Finalmente fui até a janela, cumprimentei e sorri.

E Clarimonde cumprimentou e sorriu.

Cinco minutos depois, o comissário estava aqui. Disse a ele que finalmente estava chegando à resolução dessa história, que ele deveria me poupar das perguntas, mas que eu certamente poderia lhe fazer revelações extraordinárias em breve. O estranho disso foi que quando lhe contei essa mentira eu estava totalmente convencido de ter dito a verdade. E agora quase sinto o mesmo ainda, contrariamente a tudo o que sei.

Ele provavelmente notou meu estado de espírito um pouco estranho, principalmente quando me desculpei pelo meu grito de medo no telefone e tentei explicá-lo com a maior naturalidade possível - e ainda não encontrei razão para isso. Ele disse, muito amavelmente, que eu não deveria me preocupar com ele e que ele estaria sempre ao meu dispor, como era o seu dever. Era melhor que ele viesse dúzias de vezes em vão do que me deixar esperando em algum momento que fosse necessário. Então ele convidou-me para sair hoje à noite e espairecer, já que, segundo ele, essa solidão toda não estava me fazendo bem. Aceitei, embora fosse difícil para mim. Eu não gostaria de sair deste quarto.

Sábado, 19 de março

Fomos ao Gaieté Rochechouart, ao Cigale e ao Lune Rousse. O comissário estava certo: foi bom sair um pouco e respirar outros ares. No começo, tive uma sensação muito desconfortável, como se estivesse fazendo algo errado. Era como se eu fosse um desertor dando as costas para a sua bandeira. Mas então essa sensação passou e conversamos, rimos e bebemos bastante.

Quando cheguei à janela esta manhã, pensei ter notado uma censura nos olhos de Clarimonde. Mas deve ter sido apenas imaginação. Como ela poderia saber que estive fora ontem? Por sinal, essa impressão durou apenas um instante, e então ela sorriu novamente.

Jogamos o dia todo.

Domingo, 20 de março

Hoje só posso escrever novamente: jogamos o dia todo.

Segunda-feira, 21 de março

Jogamos o dia todo.

Terça-feira, 22 de março

Sim, e fizemos isso hoje também. Nada além disso. Às vezes me pergunto - para que, afinal de contas? Por quê? O que desejo, afinal? Para onde isso vai me levar? Mas não tenho nenhuma resposta. Pois é certo que não desejo nada além disso. E que, seja lá o que vá acontecer, é certamente o que mais desejo.

Conversamos durante estes dias, claro que não em voz alta. Às vezes movimentando os lábios, mas geralmente apenas nos olhando. Mas nos entendemos muito bem.

Eu estava certo: Clarimonde havia me censurado por fugir na última sexta-feira. Então pedi seu perdão e disse que reconhecia que fora idiota e mau de minha parte ter feito isso. Ela me perdoou e eu prometi a ela que nunca iria embora daquela janela. E nos beijamos por um longo tempo, pressionando nossos lábios no vidro.

Quarta-feira, 23 de março

Eu sei agora que a amo. Deve ser assim, estou trespassado por ela até a minha última fibra. Pode ser que o amor de outras pessoas seja diferente. Mas há uma cabeça, uma orelha ou mesmo uma mão que sejam iguais a outras entre milhões de cabeças, orelhas e mãos? Todos são diferentes, então nenhum amor pode ser igual ao outro. O meu amor é estranho, sei disso bem. Mas não é também belo? Sou quase feliz com esse amor.

Se não houvesse o medo! Às vezes ele adormece e posso então esquecê-lo. Mas apenas por alguns minutos, e então ele desperta de novo e não me deixa em paz. Sinto-o como uma ratazana miserável lutando com uma serpente grande e bonita para escapar do seu forte abraço. Mas pode esperar, pequeno medo estúpido! Logo esse amor imenso irá lhe devorar!

Quinta-feira, 24 de março

Fiz uma descoberta: não sou eu que jogo com Clarimonde, e sim ela que joga comigo.

Foi assim que aconteceu.

Ontem, como sempre, pensava em nosso jogo. Então, numerando cada movimento, anotei cinco sequências novas e complicadas com as quais queria surpreendê-la no dia seguinte. Pratiquei para fazê-las o mais rapidamente possível, na ordem normal e invertida. E depois apenas os movimentos pares e em seguida os ímpares, e por fim todos os primeiros e os últimos movimentos. Era extremamente trabalhoso, mas também prazeroso, e senti que me aproximava de Clarimonde, mesmo sem a estar vendo. Pratiquei por horas e finalmente dominei todas as sequências.

Esta manhã fui até a janela. Cumprimentamo-nos e começamos o jogo. Para cá e para lá, era inacreditável o quão rapidamente ela me entendeu e repetiu tudo o que fiz no mesmo instante.

Então bateram à porta. Era o criado trazendo as minhas botas. Peguei-as e quando voltei à janela meu olhar pousou na folha onde eu havia anotado todas as minhas sequências. E foi então que eu vi que não havia feito nenhum dos movimentos que lá estavam.

Cambaleando um pouco, agarrei o braço da poltrona e deixei-me cair nela. Eu não podia acreditar. Li a folha de novo e de novo. Mas assim era: eu havia acabado de fazer uma série de movimentos na janela, mas nenhum deles era meu.

E tive novamente a sensação: uma porta se abre - a porta dela. E fico parado em frente a ela olhando. Nada, absolutamente nada, apenas essa escuridão vazia. Então eu soube: se eu partir agora, estarei a salvo e senti que poderia sair naquele mesmo momento. Apesar disso, não fui embora. Não fui porque tinha o sentimento de que o segredo estava firmemente preso em minhas mãos. Paris! Você irá conquistar Paris!

Por um momento, Paris foi mais forte que Clarimonde.

Ah, agora eu mal penso nisso. Agora sinto apenas meu amor e com ele esse medo mudo e inebriante.

Mas aquele momento deu-me força. Eu li a minha primeira sequência de novo e memorizei cada movimento detalhadamente. Então voltei para a janela.

Prestei atenção no que eu fazia: não havia nenhum movimento entre eles que eu quisesse executar.

Então planejei tocar o dedo indicador no nariz. Mas, ao invés disso, beijei o vidro. Eu queria tamborilar no peitoril da janela, mas passei a mão pelo meu cabelo. Então era certo, Clarimonde não fazia o que eu queria: eu fazia o que ela decidia que eu fizesse. E fazia tudo tão rápido, tão subitamente, quase no mesmo segundo, de modo que eu imaginava que os movimentos partiam de mim.

Então eu, que estava tão orgulhoso de influenciar seus pensamentos, sou quem é totalmente influenciado. Mas essa influência é tão leve, tão suave, oh! Nada seria mais agradável.

Fiz ainda outras tentativas. Meti minhas duas mãos nos bolsos, determinado a não movê-las e encarei-a. Vi-a levantar a mão, sorrir e ameaçar-me levemente com o indicador. Não me mexi. Senti como a minha mão direita tentava sair do bolso, mas afundei os dedos profundamente e agarrei o forro. Então vagorosamente, depois de alguns minutos, os dedos se desprenderam, minha mão saiu do bolso e meu braço se ergueu. Ameacei-a com o dedo e sorri. Era como se não fosse eu mesmo que fizesse isso, mas sim um estranho, enquanto eu apenas assistia. Não, não! Não foi assim. Eu fazia isso e um estranho observava. Exatamente o estranho que era tão forte e que desejava fazer a grande descoberta. Mas esse não era eu...

Eu – o que tenho a ver com qualquer descoberta? Estou aqui somente para fazer o que ela quiser, Clarimonde, a quem amo com jubiloso medo.

Sexta-feira, 25 de março

Eu cortei o fio do telefone. Não quero que o inspetor idiota me incomode bem no momento em que a hora estranha começar.

Santo Deus! Por que escrevo isso? Nenhuma palavra sobre isso é verdade. É como se alguém guiasse a minha mão.

Mas eu quero, quero escrever o que está acontecendo. Isso me custa um tremendo esforço. Mas quero fazê-lo. Apenas mais uma vez... o que eu quero.

Eu cortei o fio do telefone...

Porque tive de fazê-lo. – Aí está, finalmente! Porque tive, tive de fazê-lo.

Ficamos na janela hoje e jogamos. Nosso jogo mudou desde ontem. Ela faz algum movimento e eu resisto o máximo possível. Até que eu finalmente tenho de ceder e fazer-lhe a vontade. E quase não consigo descrever o quão prazeroso é render-me à sua vontade.

Nós jogávamos. E então, de repente, ela se levantou e foi para o quarto. Estava tão escuro que não conseguia mais vê-la; ela parecia perder-se na escuridão. Mas logo ela voltou, carregando nas mãos um telefone igual ao meu. Ela colocou-o no peitoril da janela, sorridente, pegou uma faca, cortou o fio e o levou de volta.

Consegui resistir por cerca de 15 minutos. Meu medo era maior do que nunca, mas era tão prazerosa a sensação dessa derrota. Então finalmente peguei meu aparelho, cortei o seu fio e coloquei-o de volta na mesa.

Foi assim que aconteceu.

Estou sentado em frente à mesa. Tomei um chá, o criado acabou de recolher a louça. Perguntei-lhe a hora, meu relógio não está funcionando bem. São cinco e quinze... cinco e quinze.

Sei que se eu olhar agora Clarimonde fará algo. Fará algo que terei que repetir.

Levanto os olhos. Ela está em pé, sorrindo. Agora... se eu pudesse desviar os olhos... agora ela vai até a cortina. Ela retira o cordão, que é vermelho, como o da minha janela. Ela faz um laço. Ela pendura a corda no gancho da janela.

Ela se senta e sorri.

Não, não se pode mais chamar de medo este sentimento. É um terrível e opressivo pavor, que ainda assim eu não gostaria de trocar por nada no mundo. É uma pressão assombrosa, mas também inebriante em sua crueldade inexorável.

Eu poderia ir correndo agora e fazer o que ela quer. Mas eu espero, luto, me defendo. Eu sinto que está ficando mais forte a cada minuto...

* * *

Então, estou sentado aqui de novo. Corri depressa e fiz o que ela queria: peguei a corda, fiz o laço e pendurei no gancho.

E agora não quero mais levantar os olhos, quero apenas ficar olhando para esta folha. Porque eu sei o que ela fará quando eu olhar para ela novamente... agora na sexta hora do penúltimo dia da semana. Se eu a olhar, precisarei fazer o que ela quer, então eu precisarei...

Eu não quero olhar para ela...

Então rio alto. Não, não rio, algo em mim ri. Sei o motivo: por causa desse "eu não quero..."

Eu não quero, e sei com certeza que tenho de fazê-lo. Preciso olhar para ela, preciso, preciso fazer isso... e então... o resto.

Eu apenas espero para prolongar ainda mais essa agonia. Sim, é isso. Esse sofrimento sufocante, essa volúpia. Eu escrevo, rápido, rápido, para ficar aqui mais tempo, para prolongar esses segundos de dor que aumentam infinitamente a minha vontade...

Ainda mais, ainda mais...

Mais uma vez o medo, de novo! Eu sei, vou olhar para ela, vou levantar, vou me enforcar: não tenho medo disso. Oh, não! Será belo, será maravilhoso!

Mas algo, alguma outra coisa está lá... o que vem depois. Eu não sei o que será, mas está chegando, está chegando, com toda certeza. Pois a felicidade em meu sofrimento é tão imensa – ah, eu sinto que algo terrível deve vir a seguir.

Apenas não pensar...

Escrever alguma coisa, alguma coisa, não importa o quê. Apenas rápido, apenas não pensar...

Meu nome... Richard Bracquemont, Richard Bracquemont, Richard... oh, não posso continuar... Richard Bracquemont... Richard Bracquemont... agora... já... preciso olhar para ela... Richard Bracquemont... eu preciso... não, ainda mais... Richard... Richard Bracque

* * *

O comissário do 9º Distrito, que não recebera resposta em suas repetidas ligações telefônicas, entrou no Hotel Stevens às seis horas e cinco minutos. Ele encontrou no quarto n.º 7 o cadáver do estudante Richard Bracquemont pendurado no batente da janela, exatamente na mesma posição dos seus antecessores.

Apenas o rosto tinha uma outra expressão. Estava contorcido em um terrível pavor. Os olhos bem abertos saltavam para fora das órbitas. Os lábios estavam contorcidos e os dentes fortemente apertados.

E entre eles se prendia, mordida e esmagada, uma grande aranha preta, com estranhos pontilhados roxos.

Na mesa estava o diário do estudante de medicina. O comissário leu-o e dirigiu-se imediatamente para a casa em frente. Ele averiguou que o segundo andar estava vazio e desocupado há meses.